

Est. 7
Prat. 1
Vol. 1211
Nº 5246
Sala



OCTAVIANO SÁ
COIMBRA

0.5

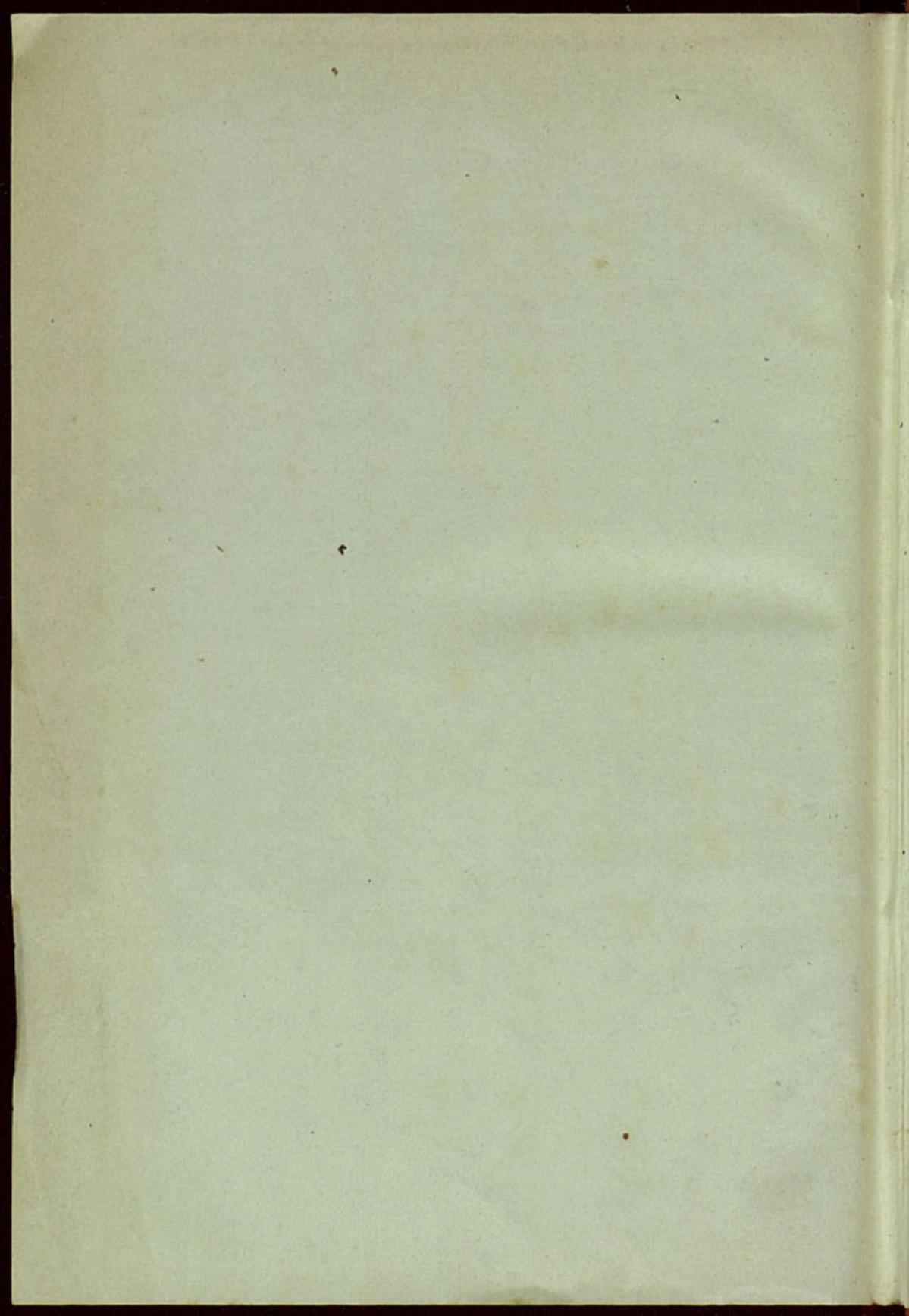
605

Sala
Gab. 0.5.
Est.
Tab. 605
N.º

t...

605





N.º 1

15 de Novembro

1909



Revista Coimbrã

(LITTERARIA E CRITICA)

* Director e Proprietario *

João Ramos de Castro

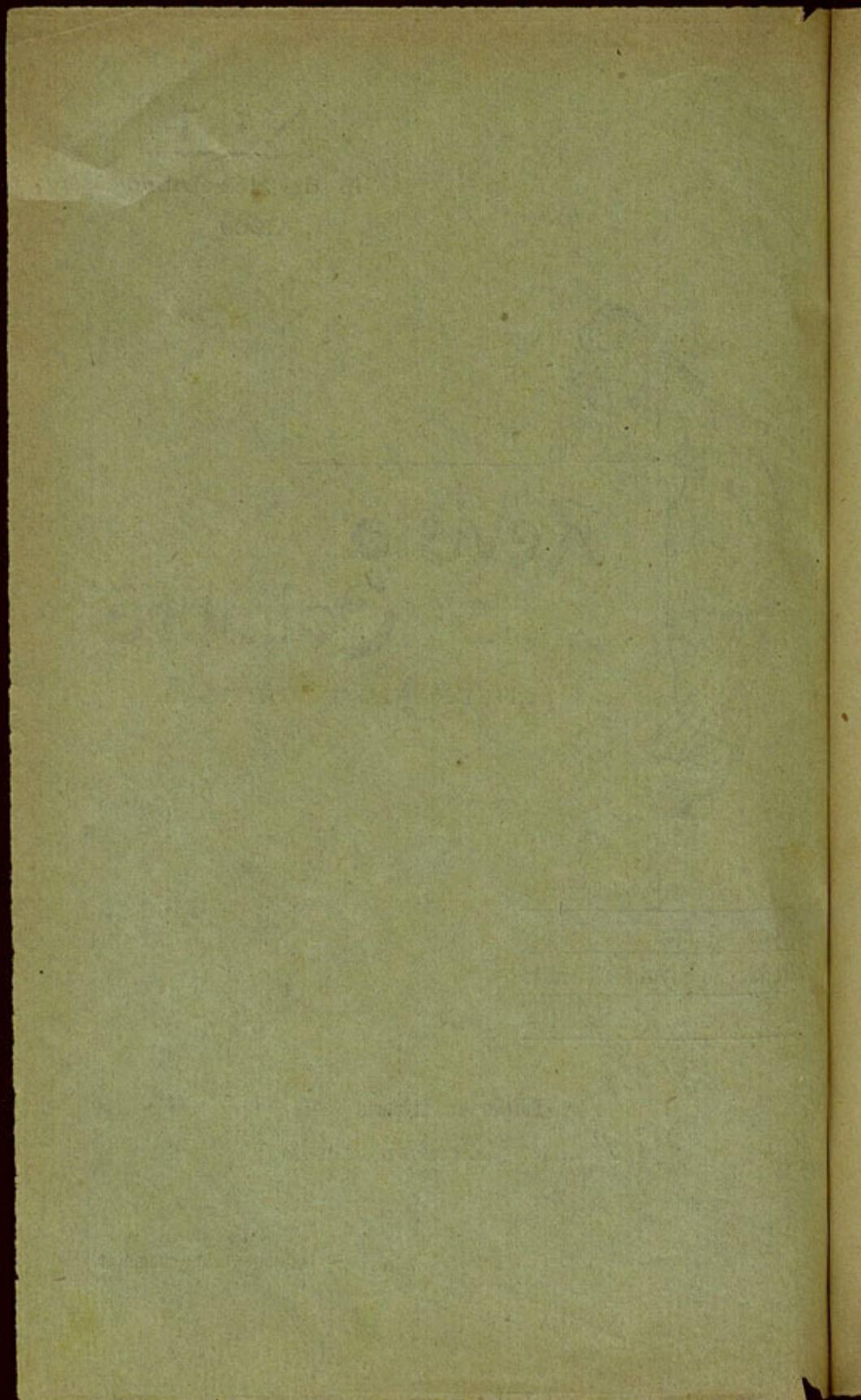
Redacção e Administração

***** Rua da Ilha.

Edição da Livraria

França & Armenio Amado

Composto e impresso
na Typ. Litteraria — Coimbra



REVISTA COIMBRÃ

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY

15 Novembro-1909

N.º 1

Revista Coimbrã

(Publicação litteraria e critica)

Director e proprietario
João Ramos de Castro

Redacção e administração
Rua da Ilha
Typ. Litteraria — Coimbra

CRONICA



ESTA hora de enervamento e de descrença, de magua e de agonia, a mocidade das escolas pôde bem elevar o espirito nacional e faze-lo vibrar, intensamente ao sopro de uma ideia, que nos imponha aos olhos da velha Europa.

As nações modernas não valem só pela extensão e riqueza dos seus dominios, pelo numero e perfeição das suas esquadras, pelo desenvolvimento das suas fabricas ou pelo oiro do seu erario.

Valem tambem pelos homens que nas

luctas rudes e agrestes da intelligencia, deixaram poderosamente affirmado o seu nome, legando ás gerações o patrimonio sagrado das suas obras.

Impõem-se pelos seus philosophos e pelos seus artistas, pelos seus historiadores e pelos seus poetas, que vincaram a traços de genio os aspectos mais vivos e flagrantes do seu tempo.

A Italia sem Dante e Giotto, não teria despertado do seu sonho medievo, na rutila manhã da Renascença, para a vida fecunda e vigorosa das ideias novas.

A Hespanha sem Murillo e Cervantes — um pintor cheio de unção e mysticismo e um escriptor que fez ruir ridiculas velharias a golpes de estridulas gargalhadas — não possuiria hoje, a indestructivel gloria que a faz destacar com inconfundivel relevo nos dominios da arte.

E, sem Canões — quem sabe! — Portugal seria hoje uma lenda, lembrada apenas pelo Atlantico nos seus maguados soluços de espuma. . .

As nações que têm a consciencia da sua individualidade, como a Inglaterra e a França, a Allemanha e a Italia, celebram com carinhosa devoção os centenarios dos

seus homens superiores, chamando as classes menos cultas a commungar no mesmo sentimento de amôr e de justiça.

Pois celebremos nós tambem o centenario do nascimento de Alexandre Herculano, d'esse principe da historia, d'essa primacial figura litteraria do seculo findo e que foi, no seu estoicismo, um eloquente protesto contra uma sociedade corrupta e estagnada.

Ensinemos ao povo a amal-o na sua obra, como elle o amou na sua vida.

Nos seus poemas perpassa em rajadas mysticas de fé, a melancholia grave das cathedrais, a poesia dolorosa da *Semana Santa*.

Poeta da Liberdade, pranteou no exilio as desditas da sua terra longinqua e soube bater-se por ella com a bravura e a lealdade dos cavalheiros antigos.

Historiador e poeta, philosopho e pamphletario, o seu estylo tem a solemnidade tocante dos monumentos e a grandiosidade epica dos combates.

Ora cutilante e impiedoso, como na *Voz do Propheta*, ora tragico e profundo

como no *Eurico* e no *Monge de Cister*, ora vibrante e patriótico como na *Historia de Portugal*.

Elle foi um renovador na nova escola litteraria. Preferiu as formulas rudes e severas, mas cheias de evocação e de colorido, ao artificialismo lusente e ôco das Arcadias, impulsionando a arte para horizontes novos e mais amplos.

Na sua alma havia uma piedade immensa pela dôr. O infortunio alheio commovia-o e revoltava-o.

No valle solitario e triste de Lorvão morriam á fome freiras portuguezas?

A sua penna traçava aquella carta modelar e sentida, pedindo uma esmola para as desgraçadas mulheres, que agonisavam no exilio do mosteiro, ao fundo d'aquellas encostas aprumadas e aridas.

Tinha a fé de um apostolo que se bate por uma ideia e por ella morre, sorrindo aos algoses, como os antigos martyres christãos; mas ao ver a enorme derrocada moral da sociedade portugueza, fuge ao mundo como os ascétas, para ir viver na

paz abençoada as oliveiras tristes a ouvir
o canto suavissimo das aguas fertilisantes.

Que os lyceus e mais academias do
paiz promovam no dia do centenario,
que passa em março, sessões litterarias de
commovida e sentida homenagem á memo-
ria d'esse homem que, *ao morrer para o
mundo, nasceu para a historia.*

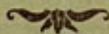
A academia portugueza honra-se, hon-
rando a sua memoria. E, se a álma nacio-
nal se irmanar no mesmo culto de justiça,
o dia do centenario de Herculano demons-
trará á Europa que não somos um povo
moribundo.

Os povos robustecem-se, muitas vezes,
na evocação saudosa do passado, onde vão
haurir alento e fé para continuar os seus
destinos na historia.

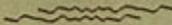
O' terra portugueza, que elle engran-
deceu com a penna e com a espada em
obras de deslumbradora belleza e em com-
bates de immorredoirá gloria: que tu sai-
bas erguer-te para a vida creadora e fe-
cunda, n'esta hora melancholica, em que

ás almas se cõa uma amargura pungente e que a nossa homenagem seja a palingenesia redemptora de um povo e a ressurreição bemdita de uma patria.

J. de C.



EXCERPTO



Angelus. Paz. No ar de aromas impregnado,
Vibra plangente a vóz dos sinos. Ar.oitece...
Resa baixinho o mar num canto soluçado.

Uma magua profunda, intensa, enorme, desce
Nas benções do luar, a gase lactescente.
Da natureza em flôr exala-se uma prece,

Que se eleva até Deus, tremula e resplendente,
Como a hostia divina e branca e mysteriosa,
Entre a nevoa do incenso e as orações do crente.

Traçam a voejar volutas côr de rosa
Os pyrilampos de oiro. O orvalho cõe em pérolas
Duma alvura nitente, eburnea, vaporosa.

Num verde laranjal desfere notas querulas
Um doce rouxinol, saudoso, enamorado
Dos astros a florir pelas paysagens cerulas.

Adivinha, talvez, no seu cantar maguado,
Como o de Bernardim, uma infinita dôr,
A pallida utopia eterna de um noivado.

Na branda orchestração da luz, do som, da cõe,
Que ancia occulta palpita? Um threno compassivo,
Um hymno á morte, á vida? O teu poder, Senhor?

Gethesmanica noite... Um velho pensativo
Na aresta duma escarpa. As languidas estrellas
Tem um ar de quem soffre, um ar contemplativo,

Quaes monjas a resar no silencio das células,
Com o recolhimento, a meiga beatitude
Das santas virgínez nos nichos das capéllas.

Nostalgico na sua hieratica attitude,
O escalavrado ancião quedara-se a scismar
Como um templario antigo. A fronte grave e rude

Tem a tisonada còr d'esses homens do mar,
A tristeza de Christo, a magua soluçante,
Que resumbra da dôr dos lyrios ao luar.

Figura suggestiva, heroica, insinuante,
Que fasia lembrar, no vago da expressão,
Velhos de Tintureto olhando o ceu distante,

Almas cheias de luto e religiosa unção.
E o mar resa baixinho e soluça e murmura
As estrophes do seu eterno cantochão...

E o velho suspirou num rictus de amargura:
— Ruiu todo o meu sonho, a fulgurante idêa,
Que era a doce canção da minha noite escura,

Branda como o arrulhar dos pombos da Judê.
A paz universal, venturas infinitas,
Castellos que eu ergui na movediça aêr,

Doiradas cathedraes sagradas e bemditas,
Fudo rolou no pó, no nada das chimeras
E agora choro errante as intimas desditas

É a gloriosa canção ardente de outras éras,
Na bocca a irradiar florescencias de auroras,
Ridimindo e sonhando. O' Terra, bem podéras

Cantar uma alleluia eterna e redemptora,
Sob a benção de Deus e a caricia dos astros,
No seio musical da noite acolhedora.

O' Torre de Marfim, branca como alabastros
Em que vi aplumar-se, em lucidos cortejos
Esperanças em flôr — hoje viuvias de rastros,

Velando a face triste onde floriram beijos : —
Se ausculto ou interrogo os tragicos escombros
Nessa nudez sinistra e perturbante, vejo-os

— Sepulcros de um ideal irradiando assombros —
Tomar sob o silencio as formas incoherentes
Duma visão dantesca. E, assim de cruz aos hombros,

Curvado e a so'ugar, triste como os doentes,
Eu subo o meu calvario e reso a minha dôr,
Na pompa virginal das musicas trementes.

São as seivas viris, os aromas, a côr,
Num fremito a dizer, sob um luar de opala
Novellas côr de rosa e protestos de amor.

Que mysterio infinito e que aromas exala
Todo o seio da terra uberrimo e fecundo !
Como soluça o mar, como chorando embala !

Revista Coimbra

No seu programma claro e simples, não traz a metralha incandescente dos ferros inconoclastas, que são ás vezes o non plus ultra do ridiculo, nem a brandura lyrica dos poetas *pão de ló*, que nas suas lamurias tristes, lamurias e imaginarias, deixam o coração sangrando nas arestas do caminho.

Uma ou outra vez, publicará paginas de critica, novellas, versos.

Não vem combater theorias nem fazer a apologia de escolas — synhedrios de enfatuados.

A sua orientação obedece a um nobre pensamento: a celebração do centenario de Herculano. Para isso trabalhará esforçadamente a *Revista Coimbra* e, se conseguir que a academia portugueza dê a sua cooperação a essa festa e lhe communique a sua fé e o seu ardôr, ella abençoará todas as canceiras sem um queixume pelos sacrificios feitos.

Fosse esse centenario uma festa nacio-

nal e o seculo presente absolveria o seculo passado d'aquella indifferença criminosa com que elle viu descer o cadaver de Herculano á valla do cemiterio de Azoia.

Porque, é preciso repeti-lo, não basta que a obra dos seculos exprima nas suas contradições e nas suas crises, a febre do progresso. Não basta que a locomotiva trespasse ululante o peito das montanhas, que os congressos e as exposições proclamem a futura unidade dos povos, e o mineral, que se occulta nos abysmos da terra, tome as fascinantes scintillações de oiro.

Em rig r, os seculos só são grandes quando sabem fazer justiça. Justiça aos que, immortalisando-se, os immortalisaram, aos que, como Alexandre Herculano, deixaram um rastro de viva luz na sua rapida passagem pelo mundo.

Que a invocação da sua memoria sirva de conforto a um povo que caminha para a morte sem ter a visão tragica da sua agonia e que as academias de Portugal, num movimento de superior belleza, se não esqueçam d'aquella phrase dirigida a Virgilio, quando guiava Dante no primeiro circulo do *Inferno*: *Honorate l'altissimo poeta*.

Um Rei

A Patria trasia ainda na fronte aquella amargura tragica, que fasia d'ella a imagem serena e viva da Virgem Dolorosa.

Na sua bocca extingui-se aquella musica emocionante e heroica que tantas vezes a levava, toda em gloria, para os combates sangrentos.

Melancholica e pensativa, como se lhe pesasse o remorso de um crime, dir-se-ia que a estrella que a guiara atravez da historia, empallidecera para sempre.

Vinha da Revolução. Ouvira em crispamentos da revolta as blasphemias dos vencidos e as acclamações dos vencedores e sentia uma infinita piedade, infinita como a ternura da sua alma.

Era a tortura das masmorras, a dilacerante epopéa de todo um povo convulsionado, sacudido, que se não sabia bem se caminhava para o suicidio, ou se, em impe-

tos de generosa audacia, se erguia para a vida.

Pois não eram elles filhos da mesma Patria? Acaso não eram elles os descendentes d'aquelles bravos marinheiros e indomitos batalhadores, que partiam radiosos e serenos, pelas madrugadas candidas, nos galeões empavesados, aos beijos das brumas, crentes como apostolos, ouvindo as lithanias barbaras do oceano e seguindo com os olhos o rumo das estrellas, nas longas noites aborrecidas, cheias de pavôres e de mysterio?

E a alma da Patria era triste como a alma do Rei. Fundira-as o mesmo soffrimento.

E, quando por um novembro macio e melancholico, esse *Rei Amado* se libertou da vida, que elle encheu de belleza e coroou de bondade, foi toda uma agonia d'almas, como se dentro d'ellas desabasse alguma coisa com o sinistro fragôr das grandes hecatombes.

E a Patria, n'um estremecimento de dolorosa magua, inclinava a face livida, transida de innenarravel angustia, quebrando n'um soluço em que parecia partir-se lhe o coração, o silencio tragico, que na sua mudez

apavorante tinha uma eloquencia magestosa, dominadora e solemne.

O povo ajoelhava á passagem do feretro real e chorava. E' que lá dentro iam os destroços de uma mocidade, de um rei que fiserá da vida uma obra de arte.

N'aquella tarde de elegias, em que as arvores desnudadas e hirtas tinham lividas macerações, como se as golpeasse um frio de morte ou as mordessem as vivas transparencias da nevoa, Herculano, que se não dobrava facilmente ás magestades terrenas, foi visto a soluçar sobre o cadaver de D. Pedro V, esse *rei de sonho e de ballada* . . .

J. de C.



N.º 2

15 de Dezembro
1909



Revista Coimbrã

(LITTERARIA E CRITICA)

* Director e Proprietario *

João Ramos de Castro

Redacção e Administração

* * * * * Rua da Ilha.

Edição da Livraria

França & Armenio Amado

Composto e impresso
na Typ. Litteraria — Coimbra

No. 1

1883



Revista
Cultural
(1883)



Publicado por
a Sociedade
Cultural
de Lisboa

Luz da Liberdade

Publicado em Lisboa

1883

Revista Coimbrã

(Publicação litteraria e critica)

Director e proprietario

Redacção e administração

João Ramos de Castro

Rua da Ilha

Typ. Litteraria — Coimbra

CRONICA

Numa epoca de profunda renovação politica, litteraria e scientifica, o Mestre sentiu o abatimento moral do seu povo e comprehendeu que era chegada a hora de realisar no seu paiz uma obra de rejuvenescimento, uma obra de educação.

E, desde então, absorveu-se no seu sonho, viveu com elle e para elle.

Era ingrato o solo da Patria?

• *Embora. O Mestre iria, intrepido e austero, desbravando com firmeza, prégando com amôr, lançando na terra arida e má a semente das grandes ideias.*

E o Mestre foi, partiu, auscultou o coração maguado da sua Patria, que se erguia scismadora e deu principio á sua obra.

Era ardua e tarefa.

Dir-se-hia que um furacão maldito sacudira e assolara a terra abençoada de Portugal, levando a todos um scepticismo amargo e doentio.

E o mestre revolveu escombros, abriu sulcos, semeou, e ergueu a sua voz num hymno, como os sacerdotes da primitiva Roma, quando iam pelos cam-

pos do Lacio entoando cantos aos deuses.

Mas, o solo, como se o varresse uma rajada do inferno, entremostrava as ossadas asperas e nuas do seu seio, já agora inutil para a criação das sementeiras.

E, o Mestre comprehendendo que o seu sonho era morto, o sonho radioso e bello a que elle dera a vida da sua vida, sereno como Catão no momento em que ia traspassar o peito com a propria espada, deixa-se cahir desiludido e vencido, pedindo o esquecimento e a paz, como o poeta errante da Divina Comedia.

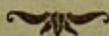
Para que o teu sonho floresça, será preciso que a moci-

dade portugueza ajoelhe em frente das tuas cinsas?

Pois bem. Que essa romagem seja uma apothese ao teu nome, ó Immortal Padroeiro; que essa peregrinação da academia portugueza revista um caracter nacional e os povos estranhos bradarão com respeito:

Han?! ... Aquillo não está morto.

U. de C.



ALLELUIA

É em roda, a pouco e pouco faz-se dia . . .
Em tudo paira um fremito de vida,
Como a noite suave e commovida
Duma vibrante e clara symphonia.

N' minha escura noite de agonia
De ce, alfim, gl'iosa, indefinida,
Essa iad'osa paz estremecida,
Doce estrophe de amôr e de alegria.

Obrigado ! Obrigado ! Deus te guie
E te corde de astros e allumie
Nas arestas da tua fragetoria.

Há já risos e aromas no meu Horto,
Sorri de novo á vida o sonho morto
Ve-tido de candura, todo em gloria . . .

J. de C.

Martinho Luthéro

.....



ESTAVA sulcada de rugas a fronte de
Martinho Luthéro.

Tinha no semblante uma vaga expressão de desespêro mudo e sombio.

Discos róxos circumdavam-lhe o olhar immovel e fulgurante.

Profundos vincos cortavam-lhe a face livida.

De quando em quando, agitava febrilmente a cabelleira revólta e farta como uma juba.

Um mar de pensamentos tumultuava e rugia nos abysmos da sua alma.

Scismava na filha morta . . .

Sentado n'um escabello, olhava o féreiro com a fixidez desvairada d'um allucinado.

Seus labios brancos tremiam convulso.

Dir-se-hia empolgado d'uma dôr atroz que não desafoga em lagrimas, que suffoca, que esmaga, que estrangula o coração em élos d'aço.

Ó ceu de nuvens pardacentas punha
uns tons funebres na paisagem.

Agitaram-se as fôlhas ao sópro d'uma
aragem fria e cortante.

Luthéro estremeceu.

Accentuou-se mais a lividez cadaverica
da sua frente.

Mais se cavaram os vincos que lhe cor-
tavam a face macerada e côr de terra.

Fitava o anjo que sorria adormecido no
esquife pequenino e gélido.

O antigo monge tinha um aspecto sinis-
tro de revoltado.

Na sua mente perpassavam em turbi-
lhão as recordações do Passado.

Reviveu os seus tempos de miseria em
que arrastara uma existencia negra, lu-
ctando com a fome, sonhando com a gloria.

A vida monacal parecia-lhe agora um
pesadello horrendo!

Envolto no habito, sumido no claustro,
aniquillando metade do seu sêr, espirituali-
zara-se, depurára-se n'um semi-suicidio len-
to, n'uma lucta exgottante, feroz e perma-
nente contra os impetos peccaminosos da
carne!

As suas visões cheias de volupia, os
seus terrores supersticiosos, as suas longas

penitencias, tudo passava agora vertiginosamente como um vendaval pelo espirito leonino d'aquelle homem heroico que arrostara impavido com as coleras de Roma!

Este nome transfigurava-o!

Roma!

Roma que elle vira aviltada em torpissimas luxurias!

Roma que elle vira arrastar o seu manto de rainha pela lama dos prostibulos!

Roma que elle vira sedenta d'oiro, manchada de crimes, coberta d'ignominias!

As tempestades moraes, o embate das paixões, o choque de sentimentos, o violento tumultuar d' affectos, a lucta tremenda de si contra si, tudo resurgia agora no seu espirito com a satanica nitidez d'um quadro pavoroso!

Os lyrios sorrindo nos canteiros da cêrca, as rosas desabrochando sob um ceu azul, o murmurio das aguas, o chilrear das aves accordavam-lhe n'alma, quando era monge, dôces chimeras d'amôr . . .

Mas era crime esse amôr!

Para sêr perfeito era mistér uma alma arida como um deserto, fria como um marmore, gélida como um tumulo, resequida como flôr que morreu sob um sudario de neve!

Quando a melopèa dos psalmos resoava
sob as abobadas do templo; quando os sons
do orgão echoavam pelas naves do sanctua-
rio e expiravam doidamente pelo espaço
álem como o gemido d'uma alma errante,
sentado no côro, envolto nas pregas do seu
habito, Luthéro sonhava um ente que tivesse
na voz dôces harmonias e no coração o bal-
samo da ternura . . .

Mas era réprobo!

N'esses sonhos havia pensamentos que
vinham do mundo e na mente d'um monge
só podiam viver pensamentos do ceu . . .

Luthéro levou á frente a mão febril.

Não queria pensar mais . . . O Passado
enchia-o de horror.

Via-o feito de densas trevas mo:aes!

O sol expirava no accaso.

Uma nuvem côr de sangue espreguiça-
va-se na amplitude dos ceus.

Uns tons avermelhados punham nas
coisas aspectos phantasticos.

Nos ares vogavam pombas brancas . . .

Era ao cahir da folha.

Os campos não tinham já fructos nem
searas.

Luthéro ergueu-se trémulo.

Tinha no olhar uma expressão de amargura infinita.

Estava succumbido, aniquillado . . .

Dobrára-se aquella alma de bronze!

Um raio do poente doirou no fêretro as mãos mirradas da pequenina . . .

Luthéro ajoelhou. A sua filha morta!

E era alva de neve e loira como os archanjos!

Dir-se-hia feita da luz dos ceus e do perfume das rosas! . . .

.
Um vulto de mulher surgiu no limiar.

O antigo monge parecia petrificado.

Catharina de Bora veio pé ante pé, chorando baixinho e osculou-lhe a fronte.

Era bella.

Elle adorava-a muito, muito.

Era um amôr duplamente sacrilego.

— « Martinho, vê-la-hemos no ceu? . . .

Disse ella com voz tremente d'afflicção, velada d'angustias.

Luthéro não respondeu: saltou um gemido, um grito, um uivo de desespero, de loucura, de agonia immensa . . .

Soluçante, cahiu delirando sobre a face da filha morta, cobrindo-a de muitos beijos, ungiendo-a de muitas lagrimas . . .

Anoitecera.

Era profundo o silencio,

Uma melancholia indizivel pairava nos
ares.

Uma estrella cadente traçou no espaço
um risco de fogo!

João Leite.



O politico influencia as vontades, mas o sabio governa as consciencias; ora sobre a consciencia portuguesa é certo que nenhum homem de letras exerceu ainda imperio mais absoluto e menos disputado que Alexandre Herculano. Nem Castilho, o sublime poeta; nem Garrett, o grande dramaturgo.

Antonio Candido.

NATAL

*Abriu-se uma era-nova, esplendida e fecunda,
Radiosa como um sol que tudo beija e inunda:*

*A agua, a fraga, o sapo e a cinsenta oliveira.
Uma orchestra de luz cantou na terra inteira.*

*E a treva que envolvia o mundo torpe e vario,
Como a tragica sombra escura de um sudario,*

*Desfez-se num instante. Um evangelho novo
Encheu de alento e fé o coração do povo.*

*E a multidão faminta, anonyma, sem luz,
Ergueu as mãos ao ceu e soluçou: « Jesus »*

*Bendito sejas tu, ó lyrio meigo e doce,
P'la luz que a tua alma ás nossas almas trouxe.*

*E Deus fallou então: São bem aventurados
Os que passam chorando os grandes desgraçados,*

*P'ra quem a vida é pranto e o sonho eterna dôr.
Recordai, recordai os preceitos de amor.*

*Se a vida é um calvario, esse calvario salva . . .
Desponta já, olhai, no ceu a Estrella d'Alva!*

De Longe ...

VIRA de longe o moço peregrino, esbelto e loiro, de olhos erradios e melancholiccs.

Atravessa penedias asperas, charnecas longas e desoladas, saibrosos barrocais, golpeado pela chava hostil e turbilhonante.

Ouvira ladrar o vento vingativo e rouco no aspero gume das montanhas de perfis ennevoados e barbaros recortados sobre nuvens pardacentas, de uma tristesa funebre, cineria

Febril, exausto, os pés em chaga, dir-se-ia algum vencido de Alcacer que na amargura da derrota viesse contar ao muna morte heroica d'aquelle rei desvairado, mystica figura de lenda que incarna o fatali mo de uma raça naquella tragedia immensa.

Vira passar junto delle, na confusa dramatisação da vida, a pallida irmandade dos famintos, a bocca fechada para o riso e para o canto, a alma aberta ao luar das esperan-

ças, noivas sonhando amôres, velhos sonhando sepulturas, artistas de um estranho poder visional, insatisfeitos e torturados, na ancia de encontrar como elle, a expressão suprema da belleza.

Cantava-lhe ainda na alua a musica divina da Arte, nos museus da Europa, que elle percorrera com a piedosa devoção de um helleno,

Feriram-lhe a retina candidas figuras, aladas e immortaes — retalhos de alma evocando calvarios e agonias.

E agora, quando as manhãs amorosas e macias vestiam tunicas de aromas e a nevoa pallida se diluia aos beijos alacres do sol, elle sahia para o campo, na mão o cavalete e o estojo das tintas, a surpreender detalhes imprevistos e panoramas novos.

Um dia, entre escarpas vivas ao cimo de uma encosta, chegou-lhe o echo de uma aria maguada como um soluço da paizagem.

Sentiu então uma pena enorme por não poder traduzir essa canção nas suas aguarellas, palpitantes de realidade e de sonho.

(*Continua*)

O Centenario

Ganha terreno, dia a dia, a ideia da celebração do Centenario de Alexandre Herculano.

A Academia Real das Sciencias vai reunir para assentar na melhor forma de se associar á vibrante homenagem que vai ser prestada á memoria do immortal historiador.

As Academias de Aveiro, Leiria e Lyceu de Coimbra deram já a sua adhesão e espera-se que outras academias da provincia, para onde já foram expedidos officios convidando-as a entrar no Centenario, se associem tambem.

O Curso Superior de Lettras, a convite da Academia dos Estudos Livres, já reuniu e deliberou entrar tambem nas festas do Centenario, perfilhando até, com pequenas variantes, o programma que a commissão Central de Coimbra havia traçado.

A faculdade de Direito resolveu em congregação associar-se á celebração do centenario, encarregando o sr. Dr. G. Moreira de fazer uma conferencia e os srs. Drs. Teixeira d'Abreu e Marnoco de escrever uma memoria sobre o grande historiador.



... E se ainda um dia o nosso paiz quizer representar nas formas da estatuaria a dignidade civica, modele o vulto de Herculano em bronze.

Antonio Candido.



Os camponeses celebravam, poetica, ruralmente, um saímento que deixava indifferentes os grandes homens de Lisboa; e assim devia ser, porque o morto sôa em vida um açoite para os poderosos, e um pai, um protector, um amigo, para esses humildes em cuja sociedade vivia.

Oliveira Martins.

Eça de Queiroz

por Jo. é Agostinho

D'entre os escriptores portuguezes, José Agostinho é, hoje creio eu, o que mais trabalha e o que reúne maior multiplicidade de aptidões.

Neste particular, não conheço ninguém que se lhe avante.

Ao mesmo tempo que redige jornais, publica romances, livros de versos, de historia e de critica.

Nos ultimos trinta annos, só Pinheiro Chagas foi fecundo como elle.

Esta febre de produzir prejudicou a obra de Chagas, como ha-de prejudicar tambem a de José Agostinho, que, já agora accusa uma individualidade litteraria de muito brilho.

No livro *Eça de Queiroz*, ultimamente publicado elle é um analista honesto e audaz, consciencioso e vivo, que surprehende detalhes imperfeitos com uma estranha acuidade de espirito.

Bellas paginas de critica nervosa e sadia, que vai estarrecer certos meninos pasmados ante a estatua nua da Verdade.

Bem haja José Agostinho por as ter escripto; e por que eu perflho inteiramente a sua doutrina é que traço estas linhas de aplauso á sua nobre coragem e independencia.

J. de C.



Má lingua

Recebemos os dois primeiros numeros d'esta folha satyrica, humoristica, Theatral e Taurina. Pois que dê á lingua por muito tempo,

N.º 3

15 de Janeiro
1910



Revista Coimbrã

(LITTERARIA E CRITICA)

* Director e Proprietario *

João Ramos de Castro

Redacção e Administração

* * * * * Rua da Ilha.

Edição da Livraria

França & Armenio Amado

Composto e impresso
na Typ. Litteraria — Coimbr

N.º 3

15 de Janeiro
1910



Revista Coimbrã

(LITTERARIA E CRITICA)

* Director e Proprietario *
João Ramos de Castro
Redacção e Administracão
* * * * * Rua da Vila.

Edição da Livraria

Paulina de Almeida, Alameda

* Typ. Litteraria e Coimbrã *
Cidade de Coimbra

15-Janeiro-1910

N.º 3

Revista Coimbrã

(Publicação litteraria e critica)

Director e proprietario

Redacção e administração

João Ramos de Castro

Rua da Ilha

Typ. Litteraria — Coimbra

Nós

A «Revista» reivindica para si e para a Academia de Coimbra a prioridade da iniciativa na celebração do centenario de Alexandre Herculano.

A Cesar o que pertence a Cesar.

Fomos nós que primeiro expusemos na imprensa a ideia do centenario; foi a Academia de Coimbra que, num gesto de altiva nobresa, chamou o povo

portuguez, amodorrado n'uma politica esteril e damninha, a commungar no mesmo culto de admiração por essa inconfundivel figura da nossa historia litteraria.

Com magua verificámos que há, manifestamente, a intenção bem pouco honesta, se não de nos afastar, ao menos de nos absorver, negando-se-nos até que tenhamos sido nós os iniciadores do movimento.

Contra isso protestamos com vehemencia.

Fá por mais de uma vez deixámos correr mundo essa mentira. Seria ridiculo e pueril que, para exclusiva satisfação da nossa vaidade, lhe oppusessemos o mais formal desmentido.

*Mas essas noticias destillam
o fel da traição; há n'ellas in-
tuitos menos claros.*

D'ahi o nosso protesto.

*E nós demonstraremos op-
portunamente, se preciso fôr, o
direito que nos assiste e a jus-
tiça das nossas palavras.*



.....
No silencioso e monotono remanso do lár
o homem medita.

Escuta e ouve o sussurro das folhas
que o vento espalha, a chuva batendo nos
vidros da janella, o vento assobiando forte-
mente, o bramir das vagas do Oceano. E o
homem, cançado da vida, chora.

A' sua alma desce uma intensa magua.
As flores murcham, o sol desaparece, e
a pavorosa visão da Eternidade surge aos
seus olhos cançados de chorar.

A. V.

CRONICA



Naufragios! Temporais! Devastações. Dias e dias de inverneira, um ceu nevoento e côr de chumbo, ventanias desabridas e acutilantes, entoando roucamente a sua canção barbara, de maldição e de odio — eis o luctuoso cortejo que o Anno Velho, na sua convulsa agonia mandou á terra desgraçada de Portugal, experimentada por tantos infortunios, ferida por tantas desgraças.

E assim elle morreu sem as benções carinhosas dos homens, ouvindo ainda o rebramar das aguas espumando cóleras infernais, o surdo gemer das arvores fustigadas pelo vento, gritos de naufragos que as correntes impetuosas arrastavam para a morte, todo o tragico e doloroso misere-re que os elementos em lucta mandavam á natureza apavorada e melancholica!

Não. A gente portuguesa não teve aquelle natal florido de alegrias, que o doce

espiritualismo christão doirou de uma belleza eternamente pura.

Nos lares havia a Consoada das lagrimas. Uma infinita dôr retalhava o coração de todos nós.

Natal de lagrimas! Natal de lucto!

Anno Novo! Anno Bom! Bemdito sejas.

Tu surges lá das bandas do Oriente, radioso de sol e de esperanças. Espalha no teu caminho a belleza e a vida, doira o denso nevoeiro que envolve as almas, como tunica pesada, sorri ao mundo que crê com paixão na tua alvorada mysteriosa e traz nas tuas mãos a benção fecunda do bem e nos teus labios o osculo da paz e do amôr. Póde a bruma mais espessa amortalhar toda a terra, que á humanidade soffredora e ingenua, tu appareces sempre numa aureola de gloria e de ventura.

O que morreu trouxe nos seus braços a morte; traze-nos tu a vida.

Sê bello na tua velhice que a tua infancia é saudada por milhões de boccas sem pão.

E' tremenda a herança do Anno Velho. Deixou sem resoluções os mais graves pro-

blemas. Ficou de pé tudo o que era brutal, oppressivo e suffocante.

Os seus fremitos derradeiros abalaram o globo, levaram o terror aos povoados.

Nos derradeiros paroxismos ouviu o côro das suas victimas.

Um bello espirito francez, creio que Murret, chamava ao primeiro dia do Anno Novo *le printemps fleurit*.

Pois que tu sejas, anno de mil novecentos e dez, uma primavera florida e que quando morreres, velhinho e triste, ao soar a ultima badalada da meia-noite, os velhos como tu, te abençoem e as creanças, como tu és hoje, te mandem beijos.

J. de C.



NO DORSO . . .

No alto as estrellas tem moles palpitações, como olhos de freiras que espreitassem de longe a miseria que vae pelo mundo, a dôr que vai pelas almas.

A lua esplende soberanamente.

A'quella hora da noite, o *Caes* era quasi deserto.

Aqui e alli, uma ou outra mulher embiocada no seu chale coçado, enodado e leve, lançava olhares mysteriosos aos raros tranzeuntes.

Hortensio Rato, de gorro no cocoruto, sentenciava na sua vós arrastada, curvado para o seu amigo Venâncio Simão, um typo esgrouviado, com *pose* de conselheiro Acaçio em dias de magro.

— Vocês perdoem-me. Não tinha assumpto para a *Chronica* e o nome de Herculano prestava-se ás maravilhas.

De mais, que diabo! A ideia não é de todo má. . .

— Para ser bôa era preciso que fosse lançada por nós, para fructificar, era preciso que ella surgisse, luminosa e pura, do cerebro *ebuliente* dos *intellectuaes*.

A *Kaiba* vai reunir e tu terás de responder perante a assembleia dos seus *pyro-technicos*. . .

Andaste mal e elles vão puchar-te as orelhas.

— Enganas-te, Simão amigo. Quando soube que ia apparecer a *Revista*, tive um movimento de desespero por tamanha audacia e fiquei no proposito firme de castigar severamente a insolencia.

Oh! Mas a *Chronica*... a *Chronica*... O *Noticias do Globo* esperava a *Chronica* e sobre a inconfundivel figura de Herculano bordavam-se bem uma dusia de linhas.

— Chamaste camarada ao Alvaro e d'esse peccado te não absolverão os *pyrothechnicos*.

... que tão esperançoso se mostra na prosa e no verso, disias tu!!!

Esperançoso?! Eu, eu é que sou o *rebento critico mais esperançoso d'esta geração!*

— Pois Venancio Simão, há uma maneira simples de eu não responder na *Assembleia pyrothechnica*. Sinto-me inspirado, vou para casa e crivo-os de ironias cortantes, num dialogo sobre o centenario.

— Sim é positivamente um modo airoso de remires o teu peccado e de obteres o perdão para o teu crime.

— Juro pelas estrellas que nos estão olhando e que parecem rir-se de nós, pelo luar saudoso e pallido, que cumprirei nobremente o promettido.

Racha-los-hei de meio a meio!

São horas...

— Adeus, Venancio amigo, grande Venancio Simão!

— Adeus Hortencio Rato. A *Farça* es-

pera o teu parto e a *Kaiba* o teu julgamento.

E num abraço :

— Adeus.

— Adeus.

E apartaram-se.

Uma aragem fria fazia estremecer as raras folhas das arvores. O Mondego suspirava baixinho, como que a dizer a medo a lenda dolorosa de Ignez.

Para as bandas da Lapa, uma neblina leitosa ia alastrando-se pelo rio, lentamente, como a sombra pallida de uma tristeza na face de uma mulher . . .

Em casa, Hortensio Rato dava tratos de polé á sua mesa.

Dos seus miolos espremidos e escorropichados sahiu aquella excrescencia... avinagrada, que rematava assim :

«E alli ficou resolvida a consagração que presta a Herculano a *briosa* de Coimbra, sobre cujo dorso A. Pires e Januario Gomes fazem cortesias á memoria do Historiador.»

Um quartanista commentava, há dias, com muito espirito :

— Não é bem assim. A. Pires e Januario Gomes não fazem cortesias ao Historiador sobre o dorso da Academia, mas sobre o dorso... *pyrothechnico* de alguns membros d'ella.

E assim é que está certo.

Resenha Litteraria

Le Deserteur ? romance admiravel por Florian Parmentier, o poderoso critico da *Arte e a Epoca*, o vibrante poeta do *Entre a Vida e o Sonho*. Um bello e espantoso conjunto de paginas ardentes, cheias de revolta, com scenas admiravelmente pintadas, que assombram e commovem extraordinariamente. E' sem duvida um dos melhores livros da litteratura franceza.

Quadros de la Vida, lindo livro de contos do intellectual madrileno D. José Busto-Solis. Não é uma estreia esperançosa, antes a real affirmação dum poderoso talento. O escriptor tem alma para sentir as dôres alheias e espirito critico para as observar nitidamente. A litteratura hespanhola deve-se regosijar com este livro, que marca epoca no meio mental do visinho paiz. Esperamos vêr em breve Busto-Solis triumphante, mais uma vez, com as suas proximas *Ressurreição e Ultimo beijo*.

Wagner, por Henri Lichtenberger. Hoje que em Portugal todos applaudem, sem conhecer, pelo espirito imitativo, as partituras do grande compositor allemão, e os artistas se esforçam por o interpretar nos

seus concertos familiares, bom era que meditasse as paginas deste impecavel estudo critico, do eminente professor de conferencias na Sarbonne, Henri Lichtenberger. E' elle um dos criticos mais justos e imparciaes e completos do auctor das operas *Mestres Cantores, Tristão e Isolda, Annel de Niebelung*, etc., e esta sua superioridade manifesta-se abertamente neste grandioso livro que ha pouco appareceu. Como altos estudos de analyse conhecemos outras obras de Lichtenberger — *Aphorismos e fragmentos escolhidos de Nietzsche, A philosophia de Nietzsche e Henri Heine*, pensadôr, para podermos affirmar que os nossos leitôres não perderão o seu tempo adquirindo o supra apontado *Wagner*. E' uma obra magistral.

Pensares, de Blasquez Pedro. Este livro faz pensar o leitor pela superioridade como foi creado, deixando vêr nitidamente um dos maiores cerebros da moderna Hespanha. O auctor é um poeta e um philosopho. Poeta pelo coração bem formado aneando o bem para os escravizadores do Amôr, da luz e da Verdade; philosopho pela profundesza dos seus conceitos que nos fazem meditar maduramente. Um livro aparentemente pequeno, mas grande pelo que de bello e magnifico encerra. Blasquez Pedro, tem jus ás sympathias das nossas gentis leitoras, pelo seu talento e pela sua alma de artista superior.

Il Papato, Baldassare Labanca. E' um

volume cheio de erudição sobre a vida agitada do pontificado atravez das suas phazes variadas. O auctor apresenta-se desde logo aos ledôres como um sabio e como um artista. A sua prosa é elegante, correntia e facil prendendo o espirito, o que se affasta da norma traçada por quasi todos os eruditos e os conhecimentos que encerram as suas paginas imprescindiveis totalmente aos que conscientemente querem aprender e saber. E' na verdade um grande mestre este professor de historia do christianismo na Universidade de Roma, sr. Baldassare Labanca. O seu esplendido livro actual nol-o affirma eloquentemente.

A l'Ombre des Marbres, por Jacques Nayral. Glorioso poeta que honra uma geração e uma litteratura o transcendente artista que se apresenta com um livro tão bello. As poesias que elle enthesoura são todas duma manufactura impeccavel e artistica, com reflexos de frescura e de graça que raro é encontrar na moderna litteratura franceza, Jacques Nayral é um dos consagrados mais queridos do publico que aprecia as manifestações dos intellectuaes do seu *métier*, e a caminhar com tamanha felicidade e segurança, a prender com tanto brilho,—é de todo o ponto licito que lhe auguremos um nome aureolado que ande sempre no pensamento das multidões, errando pelo pensamento dos que venceram as letras — immorredouro e sagrado.

Centenario a Alexandre Herculano



Partindo de nós a ideia da celebração do primeiro centenario do nascimento do historiador portuguez Alexandre Herculano, orgulho da nossa raça, justo é que nestas paginas fique vincado, ainda que muito prestes, o relato do que hemos feito e das adhesões que ao seio da commissão promotora tem surgido. O movimento seguiu os tramites naturaes e alcançou a méta a que logicamente devia ser impulsionado, para que a homenagem podesse assumir o character de nacional. Primeiramente vibrou a alma da mocidade das escolas, seguindo-se-lhe collectividades scientificas, litterarias, artisticas, imprensa, professorado e tudo quanto adentro dos muros da nacionalidade tem evidenciado uma nota sã de destaque e de vigôr.

Assim tivemos o prazer de ver a nossa proposta accete pelas commissões formadas para esse fim, approvando com leves

restricções o nosso programma já esboçado e que ainda ha-de ser discutido pelos membros da grande commissão academica. As respostas succediam-se aos nossos officios salientando adhesões valorosas, que nos incitavam a trabalhar com vigor. Normalmente seguiram os nossos esforços, e d'aí a organização de commissões, em varias academias, que prestando-nos appoio cordial nos promettiam todo o auxilio.

Porem tem chegado até nós, egualmente, quentes e entusiasticos emboras de altos e generosos espiritos que, tendo nos seus paizes uma condição essencialmente lisongeira na pleiade dos homens mais illustres, dedicam á nossa terra uma grande veneração e um affecto acrisolado. Em Madrid os escriptores que actualmente mais honram a litteratura espanhola fizeram promessa de estudos para o livro *In Memoriam*, a imprensa associou-se, havendo a salientar o importante diario *El Liberal* que, depois de se referir ás festas do nosso projecto, dedicou a Herculano um largo artigo, acompanhado do retrato e prometeu aos seus leitores o *Monge de Cister*, traduzido, em folhetins. Em Paris tambem muitos eminentes homens de lettras affirmaram

a cedencia de muitos artigos para o livro sobre Herculano—como Philêas Lebesgue, Richepin, Anatole France, Vibert, Cáceres, contando, além disso, com a coadjuvação do celebre jornalista Xavier de Carvalho, que se não poupa a esforços de assignalar serviços, lá fora, em honra do seu paiz ou dos seus compatriotas. Em Italia as adhesões são notaveis, e em todas as referidas cidades haverá festivaes para celebrar o dia do centenario. Não podia ficar esquecido o grande paiz irmão, o Brasil, onde, em quasi todas as capitaes dos Estados que compoem esta nação temos representantes a organisar commissões para effectivarem festejos, collaborando nelles as academias, as sociedades, colonia portugueza e consules.

A sociedade de geographia de Lisboa propoz, pela imprensa, a uniformidade das commissões esparsas, que deviam obdecer a uma voz directiva sem prerogativas de prioridade da idéa, mas tão somente para o desideratum ser certo, positivo, integral. A commissão promotôra academica enviou-lhe um officio extenso, com o relato de todos os trabalhos e reprodução do esboçado

programma, adherindo á proposta de se harmonizarem os trabalhos geraes.

A commissão academica que hade representar o sentimento da collectividade a que pertencemos está quasi constituida, faltando 3 cursos para nomear os seus delegados. Numa das salas universitarias os já eleitos representantes reuniram duas vezes, juntamente com a commissão academica promotôra do centenario, trocando impressões sobre os festejos a elaborar, accordando no entanto, não tomarem resoluções precisas emquanto não estiver inteiramente constituida a grande commissão academica em cujas mãos hão de os trabalhos ser depositos para uma direcção difinitiva e segura.



Educação Nacional. — Recebemos esta revista do Porto de que é director o nosso patricio Antonio Figueirinhas.

Este nome basta para marcar á revista pedagogica um logar de accentuado destaque nas nossas lettras.

Má Lingua. — Tambem recebemos os numeros 3 e 4 desta folha satyrica, humoristica, theatral, e taurina.

E que lingua ella não tem!

N.º 4

18 de Fevereiro
1910



Revista Coimbrã

(LITTERARIA E CRITICA)

* Director e Proprietario *

João Ramos de Castro

Redacção e Administração

* * * * * Rua da Ilha.

Edição da Livraria

França & Armenio Amado

Composto e impresso
na Typ. Litteraria — Coimbra

18 de Fevereiro
1810



Revista Compara

(BIBLIOTECA DE SÃO PAULO)

Revista de
Literatura
e Artes
de São Paulo
1810

Revista de Literatura

Revista de Artes

Revista de Artes

Revista Coimbrã

(Publicação litteraria e critica)

Director e proprietario Redacção e administração
João Ramos de Castro Rua da Ilha

Typ. Litteraria — Coimbra

CRONICA

Em volta do centenario de Alexandre Herculano está-se desenrolando uma contenda bem singular e muito pouco edificante.

Os homens, cegos pelo tumultuar frenemente das suas paixões politicas, não querem ver nas festas em homenagem á memoria do Historiadôr uma consagração limpa de partidarismos estreitos.

E' um erro. Homens como Herculano não pertencem a este ou áquelle partido; pertencem á humanidade e esta não admite partidos.

Sobre o tumulo que encerra as cinzas dos grandes homens, a vóz dos partidos emudece para se levantar, fulgurante e serena, a figura da historia.

Como é pois, que um partido pôde monopolisar para si um homem da envergadura de Herculano?

Fazer do centenario uma festa partidaria é suprimir-lhe o seu mais alto significado.

Por outro lado, nas suas obras e nos seus actos ha que baste para sensibilisar uns e outros, para agradar a todos.

Eu sei que é pecha antiga e inveterada trazer a nota partidaria aos centenarios dos grandes vultos historicos; tal facto, porem, não se compadece com a propria natureza d'estas festas.

Em 1878, cem annos depois da morte de Voltaire, patenteou-se o mesmo espectáculo de agóra.

Victor Hugo dizia que o centenario do diabolico senhor de Ferney era o negro phantasma dos monarchas, o terrôr de todas as realezas.

Leão XIII, porem, clamava do alto da cadeira de S. Pedro que o centenario de Voltaire era a suprema vergonha do seculo das luzes.

E assim, os primeiros homens do seu tempo só viam no centenario do auctor do *Diccionario Philosophico* uma festa requinta-

damente partidaria, sem se lembrarem de que Voltaire chamou Trajano a Luis XV de cuja camara foi gentil-homem e offereceu a Benedicto XIV a sua tragedia Mahomet, distincção que este papa teve em altissima consideração.

E' que, afinal, as obras dos grandes homens, quando traduzem a affirmacão de seu principio, tem em si mesmo a fecunda vitalidade que as faz perdurar.

E é do ponderado e justo equilibrio entre os principios mais oppostos que se destaca a resultante viva do progresso.

Os homens degladiam-se, combatem até mesmò quando os anima o mesmo ideal.

Voltaire chamava tyrannete da meiedade ao Marquez de Pombal e todavia, o despota foi um agente da revolução e marchava resolutamente para horisontes novos e de mais amplas perspectivas.

Sem a espada prestigiosa de Bonaparte a obra da revolução seria inteiramente esteril.

Vê-se, pois, que nas obras dos grandes homens, quantas vezes contraditorias, existe sempre um ideal superior que os norteia e impelle para as grandes conquistas do progresso.

Partindo embora por caminhos diferentes, anima-os sempre a mesma aspiração.

Como é então que se quer dar ao centenario de Herculano um character que elle não pode ter?

Ora pois. Os vultos historicos vivem fóra da lama dos partidos numa esphera mais alta e limpida.

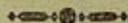
Trase-los de novo á lucta é macular a sua memoria.

E quantos d'elles, se ressuscitassem, não renunciariam envergonhados á postição admiração que muitos lhe votam! . . .

J. de C.



Carta ao A.



Perguntas-me tu na tua carta, toda cheia de aceradas ironias aos pseudo-intelectuais da Academia, porque é que Venancio Simão, o afamado chronista da *Farça* que tem carradas de talento e genio por uma pá velha, não leva a bem que se celebrem os centenarios dos grandes homens.

Sinto-me embaraçado para te responder e o caso não é para menos, pois os actos dos grandes genios são sempre de difficil explicação.

Afinal, para mim, aquillo não passa de uma mania inoffensiva e creio que muito recente, por quanto eu conheci-o já apolo-gista dos centenarios e mais, vi-o deitar discurso numa sessão litteraria aqui há annos, quando foi do centenario de Cervantes.

Ao terminar — lembro-me como se fosse hontem — Venancio teve uma baforada de eloquencia que impressionou toda a gente, quando, de pescoço alto e mãos enclavinhas e tremulas, exclamou num arranco

leonino: — *Volvidos os seculos, todos nós somos ainda uns quichotes!!*

Foi um delirio! Um assombro!

Presentemente, Venancio Simão *pensa na razão dos centenarios.*

Rasão dos centenarios?!

Que não pense mais n'isso. A pensar tem acontecido coisas muito tristes e alli o Teixeira dos reportorios, do classico *Borda d'Agua* é capaz de lhe explicar a razão dos centenarios, mesmo sem recorrer aos seus mirificos alfarrabios.

Dir-te-hei, para terminar, que o impagavel e nunca assás cantado Venancio esteve á frente dos que se propunham celebrar, este anno, o centenario da *Cabra*.

E' que, para este *rebento* ou galho esperanzoso da critica moderna, os grandes homens não passam de zeros ao pé d'aquelle raio de sino que, ahi pelo anoitecer, se põe a borregar da torre da Universidade!

Adeus.

Os melros começaram já a entoar as suas cantigas maguadas, os sabugueiros florescem e a musica saudosa das seivas novas começa a palpitar serena e viva sob a benção radiosa do sol.

Abraça-te o teu

J. de C.

Carnàval



*Perpassa envolto, em orientaes tecidos
da brancura ideal de flôr mimosa
um vulto juvenil d'olhos erguidos,
gottas brilhando em petalas de rosa;*

*E com desenvoltura immensa que embriaga
lança confetti, que é nuvem d'amôr,
iris crystallizado, que me afaga,
n'um rubro sonho, vivo, seductôr.*

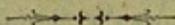
*Ao vê-la bulizosa assim brincar,
sem um constrangimento no seu rosto
parece-me barquinha a navegar.*

*Penso então, que alegria sensual
não brilharia em vez do seu desgosto,
se nunca se extinguisse o carnaval.*

Coimbra, 8-2-1910.

J. S. C. V.

Intellectuais da Academia



Jovens da folha amarella,
Litteratos de mão cheia,
Phalange olympica e bella,
Que as patrias lettras constella...
Como morrões de candeia :

Se os vermes podem fitar
Os astros que longe vão,
Por Zeus! deixai-me cantar
Essa *cranerie*, esse ár,
O' astros de papelão!

Parece que estou a vê-los :
Uns tostados como moiros
Fallam pelos cotovêlos
E discutem se os cabêllos
De Xenophonte eram loiros.

Outros então, sei-o eu,
Trasem em agua os toutiços,
Pois não sabem se Tyrteu,
Mais o velho Galileu
Usavam dentes postiços.

Uns são valentes soldados,
Armados de crenças puras.
Republicanos ousados,
Se se virem apertados
Concordam c'o as dictaduras!

Têm obras originaes
Impando de sol e dó.
É com tintas orientais
Traçam quadros magistraes
Sobre um certo pharaó

Mas ha linguas depravadas
Que affirmam que um dos pimpólhos
Recebe das bem amadas
Por vezes, tranças doiradas
Em que vegetam piólhos.

P'ra muita gente elles são
Radiosos rebentos criticos.
Mas p'ra a minha geração
Sabeis vós bem o que elles são?
Tristes rebentos mephiticos!

J. de C.

Resenha Litteraria

— *Historia de um Escéptico*, (*Em Terra de santos*, *A hora tragica*, e *o Triunfo*), por Alberto Insúa, Madrid.

No *métier* literario iberico, atualmente, salienta-se com raro brilho e com superior equilibrio mental Alberto Insúa. Os seus livros espalhados largamente pelo publico hespanhol e pelo das republicas latinas tem alcançado os maiores sucessos e triunfos. E' porque o novelista magno da *Hora Tragica* e da *Mujer Facil* cativa o leitor nas malhas maravilhosas da sua prosa fluente e iluminada, envolta sempre naquella elegancia caraterística, — um condão bem pessoal, que só ele sabe emitir. E todos ficam para sempre presos cordialmente ao artista delicioso um dos que melhores paginas tem dado á literatura da sua terra. Hoje que entre nós, mercê da boa vontade de altos e poderosos espiritos, a arte hespanhola está sendo analisada com instancia, não deixarão por certo os que se interessarem por conhecer as mais honrosas manifestações artisticas daquelle paiz de apreciar com recolhimento os grandes livros de Alberto Insúa, que consagrariam uma individualidade em qualquer das literaturas vivas.

Em Terra de Santos, *A hora Tragica* e *Triunfo*, são trez novelas de fundo, acaba-

das perfeitamente segundo os moldes modernos, com um estilo forte e encantador, e num profundo e vibrante poder observativo e psicológico.

— *Elements de Philosophie Scientifique* . . .
por P. Félix-Thomas. Paris.

Todos os estudiosos devem compulsar este livro. Imprescindível em gabinetes de conhecedores de assuntos congeneres, é um dos melhores trabalhos filosóficos que teem despontado no mundo científico. Félix Thomas, doutor em letras e professor do lyceu de Verssailles, é um dos mais calorosos admiradores do eminente creador do positivismo e até parece que afillhado perante a sociedade, bem antes do seu diléto filho espiritual. Porque o filósofo Thomas, pelo seu talento, pelo seu processo de trabalho, pelo método, pela ordem e harmonia que vinca em todos os seus livros grandiosos, de ha muito vem sendo considerado como dos mais fortes intellectuaes do moderno pensamento francês. Que o digam todos os que teem compreendido os seus inconfundiveis e admiraveis volumes: *La philosophie de Gassendi, la suggestion son rôle dans l'éducation, L'éducation des sentiments, Morale et education, Pierre Leroux*, para não catalogar mais, que estão rodeados das maiores simpatias por parte da mais alta mentalidade humana.

Epithalamio, sonetos, de Tristão Seixas,
S. Paulo, Brazil.

Eis uma forte estreia, que apresenta o autor, a todos os que o apreciarem, como um poeta feito, sem exaltações nem desfalecimentos. Uma potente organização, sedenta de arte, cheia de seiva para cantar os cambiantes mais simpáticos e dignos de nota na vida real. Não põe olhos no ceo estrelado, procurando idealizações ou arroubamentos doentes por místicos em demasia. Sente os estremecimentos do meio exterior, observa-os nitidamente, e a exteriorização que deles faz, é completa, verdadeira e feliz. Não duvidamos em afirmar que o sr. Tristão Seixas, autor de *Epithalamio* é um belo temperamento do poeta, com capacidade bastante de legar á sua patria uma obra vigorosa e sã.

— *De mi querér*, poesias, e *Otro Triunfo*,
novela, por Fernando Ruiz, Cuenca.

E' um grande e notavel temperamento poetico o deste escritor. Pela leitura dos seus trabalhos se nota a sua superior constituição estetica, que cremos bem, hade levar dias gloriosos ás belas letras do seu paiz. Porque Fernando Ruiz é um hespanhol de coração e inteligencia, caracterisando fundamentalmente a sua raça. Em-

briagando-se pelas rapidas correrias dos fogosos corceis, estonteado pelas notas sangrentas das touradas ele nos dá paginas dum realismo evidente, pintando as scenas, primorosamente, com mão segura e afeita a trabalhos de responsabilidade. O seu *trê-no* é largo, apesar da sua pouca idade. Desde a infancia se encontrou prêso á vida de jornalismo, logar que ele desempenhou sempre com hombridade e valôr, facto que o deve encher de orgulho. Como escritor é na verdade grande e que nos desmintam aquelles que teem lido as suas obras distinguidas.

— *En Marge*, criticas, por Giuseppe Gramagna, Napoles.

Cousa curiosa : um dos primeiros intellectuaes da moderna Italia, Giuseppe Gramagna, é um largo coração devotado ás letras luzitanas. Hoje, em dia, lá fóra, parece que esqueceram totalmente a lingua portugueza e quasi há um deprêso por tudo quanto se prenda com nossa arte. E' consoladôr, portanto, ver um espirito como o deste eminente escritor, orgulho de toda a raça latina, preocupar-se tão carinhosamente com a a analyse das nossas manifestações mentaes. *En Marge*, o seu ultimo livro, é um levantado trabalho cheio de erudição e talento.

queiro, Eugenio de Castro e os escriptores Conego Patricio, Manuel da Silva Gayo, Teixeira de Carvalho, Dr. Caeiro da Matta, e muitos outros.

De academias portuguezas e camaras municipaes já demos relato em numeros passados e por isso vamos passar á ennumeração das que em Hespanha nos têm honrado respondendo ao nosso convite.

Atheneu de Madrid, Academia da Historia, Fomento das Artes, Circulo Mercantil, Centro Militar, Centro Instructivo Obrero, Centro Asturiano, Centro Valenciano, Centro Gallego, Centro Aragonéz, Centro Extremano, Associação de Escriptores y Artistas, Centro Manchégo, Circulo de Bellas Artes, Real Academia de Bellas Artes, Academia de Bellas Lettras, de Sevilha, Atheneu de Barcelona, Atheneu Obrero Completense de Alcalá de Henáres, Atheneu Sevilha, Universidades de Granada, Vigo, Uviêdo, Barcelona, etc. Atheneu de Cadis, Academia das Sciencias de Barcelona, Lo Rat Cenot, Valencia, Real Academia de Declamação, Musicos e Buenas Lettras, de Malaga etc.

Estas associações promovem e preparam grandes festas, fazendo n'ellas confe-

rencias os grandes pensadores Drs. Mendés Bejarano, Parada Santin, Romero Quinones, Francos Rodrigues, Carracido, Manoel Lourenco D'Ayot etc.

Os escriptores que prometteram seus estudos para o «In Memoriam» são: Miguel de Unamuno, reitôr da Universidade de Salamanca, Emiliano Angel, Busto Sollis, Alberto Insúa, D. Carmen de Burgos, D. Magdalena Fuentes, Perez Galdôs, Dicenta, D. Blanca de los Rios, Benavente, Mendés Pelayo, Dias de Mendonça, Consuello Alvaréz, Fraga do Porto, Blasco Ibanez etc. etc . . .

Igualmente hêmos recebido importantissimas adhesões de luzophilos illustres de França, Italia, assim como estão constituídas commissões representantes da Academia de Coimbra em todos os estados do Brazil.

Deste ultimo paiz estamos esperançados que muito em breve chegarão ás nossas mãos bellos estudos dos mais laureados intellectuaes, ao mesmo tempo que nos informam promoverem-se tambem alli grandiosas festas.



N.º 5

20 de Março
1910



Revista Coimbrã

(LITTERARIA E CRITICA)

* Director e Proprietario *

João Ramos de Castro

Redacção e Administração

* * * * * Rua da Ilha.

Edição da Livraria

França & Armenio Amado



Composto e impresso
na Typ. Litteraria — Coimbra

REVISTA
COLUMBIANA

Revista Columbiana

Publicada por el
Comité de la Exposición Colombiana

Editorial
Columbiana
Calle de la Exposición
N.º 100



Director: Sr. D. Juan de los Rios
Presidente: Sr. D. Juan de los Rios

Impreso en el Establecimiento de la Exposición

20-Março-1910

N.º 5

Revista Coimbra

(Publicação litteraria e critica)

Director e proprietario

Redacção e administração

João Ramos de Castro

Rua da Ilha

Typ. Litteraria — Coimbra

CRONICA



Ahi temos á porta a primavera, casca-
lhante de risos e toucada de aromas, vi-
brante de musicas nostalgicas e errantes,
symphonias de oiro acordando as coisas
d'aquelle somnambulismo doentio, que o
tragico inverno derramou em tudo.

Já as manhãs são mais claras e mais
frescas na loira apothese do sol, todo res-
plendente na dalmatica azul do ceu; já os
zangãos sorvem voluptuosos e sossurrantes
o mel e os beijos das rosas colloridas e ma-
cias como sedas raras.

Cortam o ar, vivificante e sereno, ban-
dos de andorinhas chiltreantes, riscando
aqui e alli caprichosas curvas e como que
dizendo na sua linguagem incomprehen-
sivel e anciada:

Primavera, bons dias!

Bons dias Primavera!

Primavera, Semana Santa!...

A Primavera falla-nos de Pan, do som, da côr, da harmonia e da belleza.

A Semana Santa falla-nos de Jesus, evoca-nos aquelle sentido poema da maior dôr, falla-nos de luto e de morte.

Nos campos principiou já a liturgia magnifica e palpitante da terra florida e creadôra; nos templos vai começar a liturgia solemne e profunda do doce idealismo christão.

Nas almas cheias da bemdita claridade da fé ha uma tristeza funebre, maguada e soluçante, que faz pensar na figura macedrada do Nazareno.

Cá fóra, sob a Cathedral do azul paira a fecunda alegria da vida no esplendor da primavera renascente.

.....

Os bons dias tornam,

Olha como adornam

Graças os rosais

Assim a saudava Castilho, aquelle divino poeta cégo, que com os olhos da alma comprehendeu e sentiu a sua orchestração luxuriante e perturbadora, no meio da treva infernal que o torturou pela vida fóra.

Ao vir da Primavera o que eu sinto é principalmente uma sensação de mêdo.

Risos, cantos, flores, regatos, borboletas, tudo isso que abre essa chronica e se tornou o vocabulario consagrado, estafadissimo e banal de toda a gente, não tem

para mim aquelle indiscriptivel encanto que dá vontade de ajoelhar e resar a muitos poetas da minha geração.

E' que borboletas, regatos, musicas, risos, flôres, tudo isso parece fundido no som maldito e lugubre d'aquelle sino que, pelo anoitecer lança agoirentas plangencias que vão adormecer e perdera-se, como um fremito de moribundo, no seio rythmico das paisagens.

J. de C.

Carta ao A.

Vejo com desoladora magua que o teu claro e bello espirito accusa já o morbido scepticismo que tão nitidamente caracteriza o nosso tempo.

E' a doença fatal, avassaladora e cruel que esmaga e tortura a geração nova, sahida ha pouco do berço e já velha, geração que mal começou a cantar e já soluça.

Os moços de hoje parece que nascem já com cabellos brancos. Teem o ar cansado e grave dos conselheiros e a basofia impertinente dos Pachecos.

Aonde as grandes audacias e as rebeldias heroicas da mocidade de outros tempos?

E' isto que te desillude, não é verdade?

E' em tudo isto que está a causa da tua amarga philosophia?

Attenta bem, ausculta o organismo do teu paiz, penetra-lhe as suas desgraças, surprehende-lhe os seus enthusiasmos e terás presentido que uma seiva nova estua e freme indomita nos seus nervos.

E' uma ancia enorme de caminhar na estrada ampla das conquistas modernas e fugir á ronceirice esterilizada e sorna que definha e abate.

Um outro espirito palpita e canta em tudo num largo fremito de prodigiosa e fecunda renovação.

Acaso não crês tu na Arte ?

Refugia-te na sua *turrís eburnea*. Vive-lhe a sua vida anciada e por ventura dolorosa, palpa-lhe toda a sua fulgida epopêa e sente-lhe os jubilos que não mentem e as suas tragedias profundamente tocantes.

Ella furtar-te-ha aos golpes rudes da tristeza, redimindo-te por uma fé purificadora.

Se crês no amôr, faz delle a paixão mais alta e mais casta oô teu coração, ó meu pallido sonhador.

O amôr clarifica toda a treva e doira toda a bruma.

Enche de belleza a vida.

A belleza moral aproxima o homem de Deus. Ajoelha e volta-te para elle.

E tudo isso segredar-te-ha que a vida só é bella quando se faz d'ella uma obra de arte.

Lembras-te ?

Era a commovida recommendação de
um adoravel poeta.

Segue-lhe resolutamente aquelle pre-
ceito e terás triumphado.

Até outra vez.

Cercosa

J. de C.

.....

*Depois, do largo ceu descendo, o proprio Deus,
Carinhoso olhará o mundo renovado,
E num riso de luz, um d'esses risos seus,
Ouvil-o-heis diser: — Meus filhos, obrigado...*

*E que vendo afinal, na terra transformada,
A Bondade a florir, e extincto o Mal e a Dôr,
Só lhe resta deixar a sua azul morada,
E vir, causado Heroe, viver do nosso Amôr...*

A. Vargas.

Constando á *Farça* que a Commissão
iniciadora e organisadora do Centenario de
Herculano ia dar um bôdo aos pobres de
espirito — a que tambem teriamos de as-
sistir — logo um seu redator ficou todo
abespinhado por não entrar no regabofe.

Não é exato que se dê tal bôdo, mas,
se o fosse, os convivas, vendo-o ganir de
orelha direita, atirar-lhe, ao menos, um os-
so... já esbrugado.

No calvario

*Jesus sorri... na face macerada
Vil affronta lhe cae, pobre Jesus!
Mas Elle sorri ainda, sobre a Cruz
Que cada vez vae sendo mais pesada.*

*Chegou-se, emfim. Por maravilha a luz
Muda-se então na treva mais cerrada,
E a multidão presente, apavorada,
Que qualquer coisa extranha se produz*

Depois... mais nada.

*A lua surge alem,
Maria chora a sua Dôr de Mãe,
Jesus sorri... A noite vae subindo.*

*Tomba o luar por sobre aquella pena,
E Magdalena, linda Magdalena
Chora baixinho aquelle Jesus tão lindo...*

R. de Soveral.

Centenario a Alexandre Herculano

Por todo o paiz se nota o interesse vivo e eloquente pela nossa iniciativa, aplaudindo-a todos com a maxima cordialidade. E é que as adesões continuam a chegar ao seio da nossa comissão, não só de sociedades illustres portuguezas e estrangeiras, como da imprensa e homens eminentes no mundo da arte. Os illustres presidentes dos nossos municipios teem-nos enviado respostas aos officios que deliberamos enviar-lhes, concordando em dar o nome do immortal historiador a uma rua ou largo da localidade onde superintendem e as academias liceaes se nos dirigem instantemente bendisendo os nossos trabalhos e solidariesando com eles.

No Brasil os representantes da grande comissão academica, que são dos mais distintos membros do professorado superior, jornalismo, politica, literatura, diplomacia, colonia portugueza e mocidade das escolas, trabalham com alma para que as festas a realizar em todas as cidades mais importantes dos Estados sejam dignas do nome aureolado, scintilante astro que irradiou luz por toda a humanidade. E' justo que manifestemos n'este logar a homenagem do nosso reconhecimento, em nome de todos nós,

aos dirigentes dessas comissões representantes nessa florescente Republica, que são: Figueiredo Pimentel, redatôr do grande diario fluminense — *Gazeta de Noticias* — e uma das mais famosas glorias literarias do paiz irmão (Estado do Rio); Dr. Almachio Diniz, catedratico de direito, e romancista eminente e erudito (Estado da Bahia); Dr. Romano Martins, deputado e jornalista, diretôr do diario *A Republica* (Estado do Paraná); Machado Sobrinho e Dilermando Cruz, consagrados poetas (Estado de Minas); comendador Norberto Jorge e Francisco Gaspar, laureados escritores (Estado de S. Paulo); Marques de Carvalho, grandioso jornalista, redator-chefe do diario *A Provincia* (Estado do Pará); coronel Betencourt, governador e deputado (Estado do Amasonas); etc. — tendo sido enviadas mensagens ás academias dos Estados — Rio de Janeiro, Minas Geraes, Espirito Santo, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Paraná, S. Paulo, Alagôas, Rio Grande do Sul, Parahyba, Bahia, Goyaz, Rio Grande do Norte, Sergipe, Santa Catarina, Pianhy, Mato Grosso, todos os do (Brasil), constando pela imprensa que foram unanimemente aclamados, com demonstrações de regosijo fraternal. A imprensa daquelle paiz promete numeros especiaes para 28 do corrente, á memoria do grande historiador, dedicados á Academia de Coimbra.

Já em numeros anteriores nos haviamos referido ás adesões magnanimas da vizinha Hespanha, França e Italia, havendo a salientar, neste ultimo paiz, os nomes dos extraordinarios escritores Giusepe Gramigna, Luigi Zuccaro e Italo Giuffré, que sendo dos maiores intellectuaes da Italia e da raça latina, muito devem orgulhar a collectividade a que pertencemos por a representarem tão condigna e brilhantemente.

O programa dos jogos floraes para os quaes ha prendas valiosas — entre elas a de El-Rei—tem sido distribuido largamente pelas escolas do paiz, e o programa das festas está sendo publicado para identica distribuição. Dentre os seus numeros, podemos destacar o cortejo civico em que se encorporam as auctoridades civis e militares, professorado, sociedades, creanças das escolas, tocando-se o hino triumphal *A. Herculanano*, composição oterecida á academia pelo considerado e popular maestro hespanhol Varéla Silvani, mundialmente admirado pelas suas composições artisticas, maravilhosas e superiores.

Virão até nós arrebatarnos com a cadencia do seu verbo e a grandeza do seu talento as eminentes glorias do nosso meio, coronel Abel Botelho, o pontiflce supremo do nosso romance atual, e Alexandre Braga, o orador vehemente que tudo confunde com a sua eloquencia de eleição. De Hespanha e nomeado pelo intellectualismo da-

quela nação culta, vem egualmente participar das nossas testas, fazendo uma conferencia o general de engenheiros Ubaldo Romero Quiñones, sociologo dos mais admirados no meio illustre europeu e autôr de trabalhos literarios imorredouros.

Como se vê esforçamos-nos por dar ás festas centenarianas todo o brilho digno duma geração e dum paiz e todos estes factos são triunfos tão altos que jamais se poderão apagar.

“ ARETHUSA x x x ”

(MYTHO PAGÃO)

Casta vixit

.....

Epitaphio romano.

Era uma das nymphas mais bellas da casta Diana.

Chamava-se Arethusa.

Nos olhos verdes como duas esmeraldas, ora tinha a suavissima luz d'um sol primaveril, ora a vaga e nostalgica poesia d'um crepusculo.

Irradiava da sua frente o brilho do marmore.

Exhibia no semblante a côr das assu-cenas as tintas da Aurora e o perfume dos lyrios...

As suas madeixas soltas, esvoaçando á mercê das auras, dir-se-hiam tecidas de fios d'ouro ou feitas da luz dos poentes . . .

Quando ella sorria, até os immortaes do Olympo sentiam nos peitos sagrados o crepitar d'um desejo . . .

As suas formas tão puras, de ondulações tão suaves, de curvas tão brandas dir-se-hiam feitas de luz dos ceus do perfume das rosas e da alvura do jaspe . . .

O halito d'Arethusa povoava de dôces essencias o ambiente das selvas e accendia brutaes paixões nos satyros d'olhar selvagem, feroz e sensual.

Quando ella cantava, os labios bebiam dormentes, em serena volupia, as dôces canções da bella . . .

Quando Baccho a lobrigava, ao longe, tinha um riso alvar de cynico appetite.

O divino Juppiter quedava-se extatico vendo-a deslizar como etherea e lucida visão, atravez dos bosques floridos . . .

Quando Arethusa errava nas praias, envolta na luz do luar, o féro Oceano vinha rolar-se, espreguiçar-se languidamente a seus pés, n'um ruido suave e cantante, feito de voluptuosos suspiros e lúbricos anceios e lascivos murmurios . . .

Apollo dissera-lhe: — « formosa nympha, nunca sorrias, por Deus t'o peço, quando perto ouvires o ruido suave d'uma abelha zumbindo . . . Ella pode julgar que é tua bocca um botão de rosa desabro-

chando no melo da neve e pode querer
sorver-lhe o divino perfume... »

E o deus dedilhou na lyra d'oiro um
hymno d'amor, de modulações tão lindas,
que echoando na amplitude, tez emmude-
cer as aves, desabrochar as flores e sorrir
as estrellas...

.....
.....

N'uma tarde d'estio, banhava-se a
nympha...

Estava deslumbrante de formosura...

Seu corpo escultural era branco, branco
como as flores dos nenuphars...

Eram seus labios rubros como flores
de cactus...

Dir-se-hia envolvida n'uma aureola feita
d'aquelle fogo celeste que Prometheu rou-
bára um dia...

O seu collo de marmore, tépido, roseo,
palpitante, dir-se-hia modelado pelo cinzel
de Phidias...

O sol declina para o occaso... Nos
ares adejam pombas brancas... Uma nu-
vem côr de sangue avermelha o horizonte...

Um raio do poente accende faúlhas
d'oiro nas tranças d'Arethusa...

Alfeu vibrante de paixão, implora o
seu amôr...

Pede-lhe amplexos e beijos no mysterio
da floresta, em talamos de verdura, sob os
ceus diaphanos e limpidos...

Mas Arethusa, com o seio a arfar, recusa sempre e sempre fugindo...

Alfeu enlouquecido, delirante, cego de desejos, persegue-a na ancia infinita de possuir aquelle corpo adorado...

Correm um apoz outro, n'uma furia insana...

Por onde passa, a nympha deixa um rasto de aromas que embriagam...

Reanima-se Alfeu...

A bella sente-se desfallecer...

Dos seus labios entre abertos soltam-se brandos queixumes...

— Amo-te! Exclama Alfeu. Sê minha!...

— Oh! Não! Soluça a nympha; eu amo a pureza da luz; quero ser irmã das estrellas!...

Mas Arethusa não pode mais.

Quasi exanime tomba no solo...

Alfeu vai devoral a de beijos...

Vae desfolhar a sua grinalda de Virgem...

Vae esmagal-a nos seus abraços e queimar-lhe os labios com osculos de fôgo...

Dos olhos d'ella, brotam fios de lagrimas que parecem fios de péroias...

Oh! Ella sonhára fazer do seu coração um calix de virginaes essencias, como os lyrios das selvas que só tinham no seio, gottas de crystal purissimo...

Sim! Porque ella amava a pureza da luz, queria ser irmã das estrellas...

— Diana ! Diana ! flébil implora a nympha.

Surge a deusa envolta n'uma nuvem...
Nimba-a uma rútila auréo-la . . .

Fulgúra-lhe no rosto a espiritual belleza
que só se vê com os olhos d'alma.

Nos labios de purpura ainda tem a rosea
frescura d'aquella dôce ambrosia que dá a
immortalidade e que os deuses bebem
no Olympo em taças feitas de luz . . .

Arethusa desvanece se como uma sombra . . .

Suas lagrimas são agora purissima
lympha que deslisa por entre a relva . . .

Seus queixumes são murmurios dulcissimos
que as auras levam na sua asa perfumada . . .

Diana fizera-a fonte para Alfeu não lograr
manchar-lhe a nivea pureza . . .

Sob os ceus da Sicilia, na divina musica
d'aquellas aguas, vive e fala, pois, uma alma
que parece dizer ainda flébil e soluçante :

— «Eu amo a pureza da luz !... Quero ser
irmã das estrellas ! . . .

João Leite

Intellectuais da Academia

Um vate ourives da móda,
Que gosta de rima branca,
Chama a garraçada toda
Aos premios de Salamanca.

Logo ao Arco todos vão
Numa heroica romaria
Todos querem ter quinhão
Em tão certa loteria

Como os homens mais sinceros
Disse o Vate: Na verdade,
Vó nunca mais sereis zeros
Ao pé da velha trindade.

Subireis ao Capitolio
Levados nestes meus braços.
Abra-se da gloria o solio
Aos Isothicos palhaços.

Virão poetas já feitos
Com versos bem trabalhados,
Originais e perfeitos?
Vós sereis os consagrados.

Este premio é p'ra o Sardinha
Que parece — salvo seja —
Mesmo a triste Viuvinha
Sempre pensando na Egreja.

Aquelle é p'ra o Monsaraz
Que é um poeta de raça.
Como é muito bom rapaz
Fica est'outro para o Massa

Restam dois premios taludos
Que pertencem por quinhão
Aos dois pimpolhos sisudos :
Hortensio Rato e Simão.

Ide em paz. De Carregósa
Eu levarei para Hespanha
De vitella apetitosa
Posta tão grande e tamanha

Como o *Rato*. Háveis de vér!
Você, Simão juvenil.
Leve, p'ra se lá roer
Belos paños de Arganil...

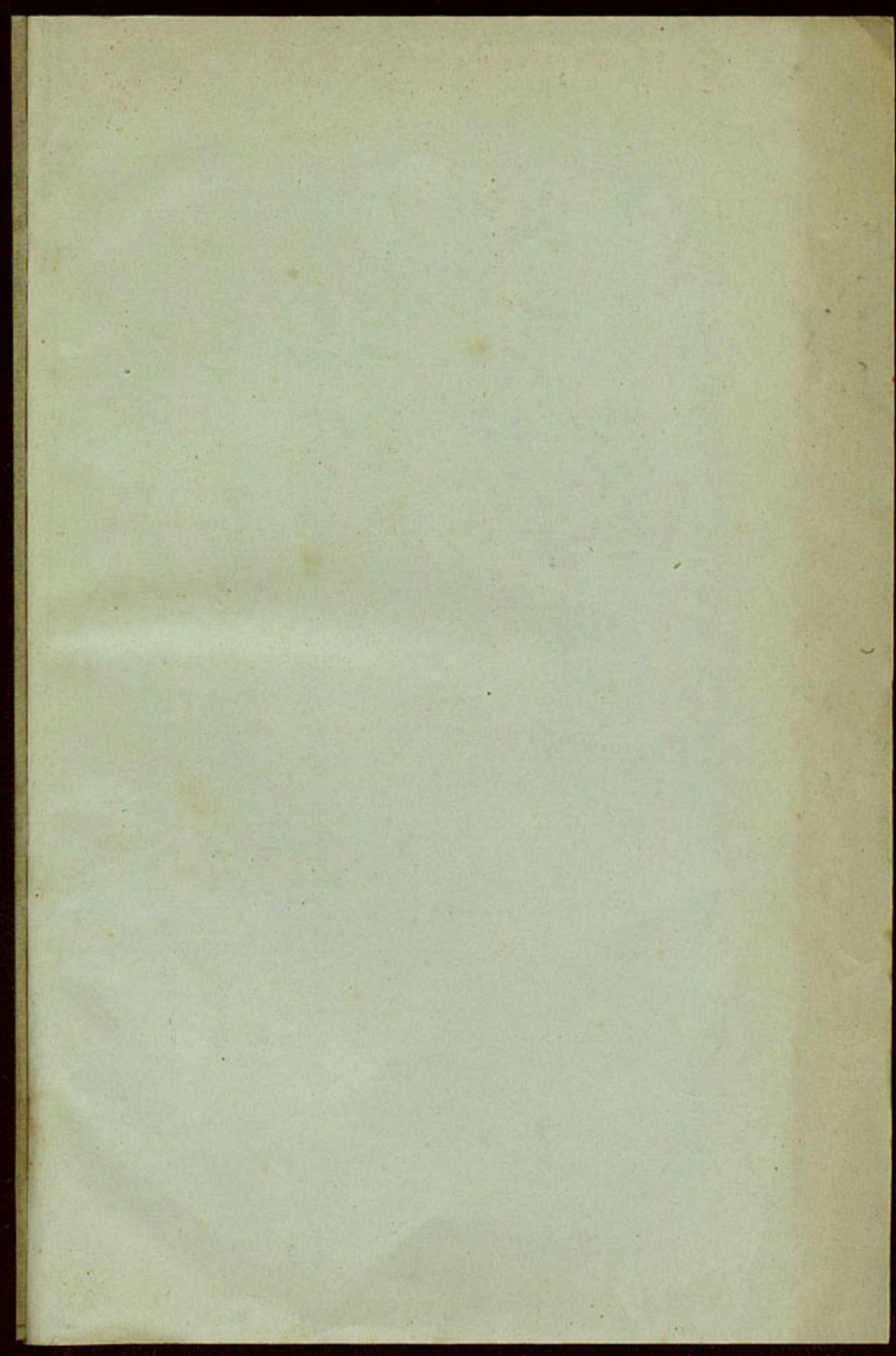
Salvé, laureados poetas,
Talentos de melancia.
Mandai p'ra a Hespanha as psetas,
Genios de sa'sicharia!

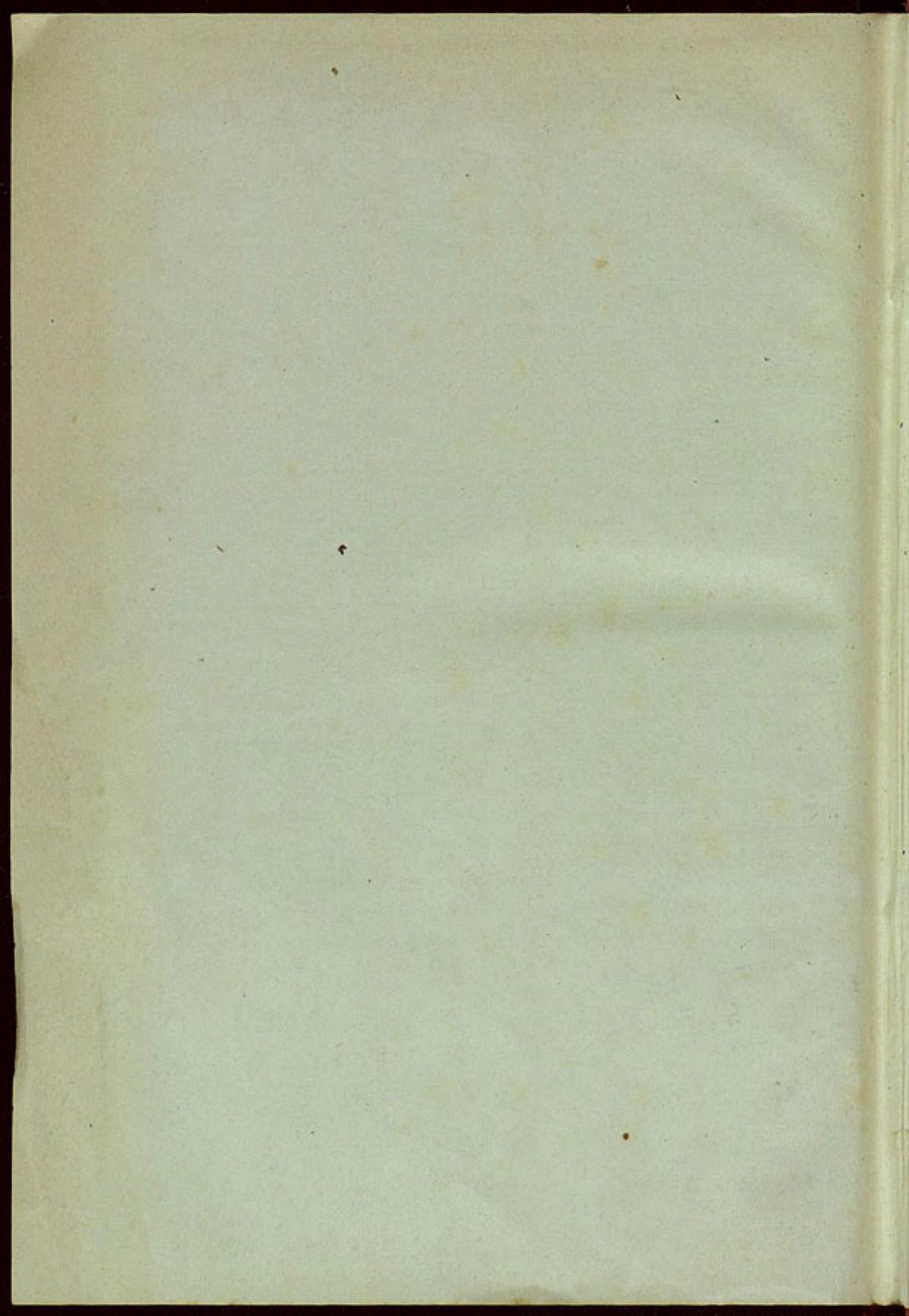
J. de C.

La Iberiada

GRANADA

Recebemos de D. Manuel Lorenzo de Ayot este bello poema em prosa e que é, na sua adoravel simplicidade, um preito de alevantada justiça a um notavel pintor granadino, Alonso Cano. Todo o poema é uma obra de justiça e uma obra d'arte.





PRICE
PRICE

23456 78900 5



